

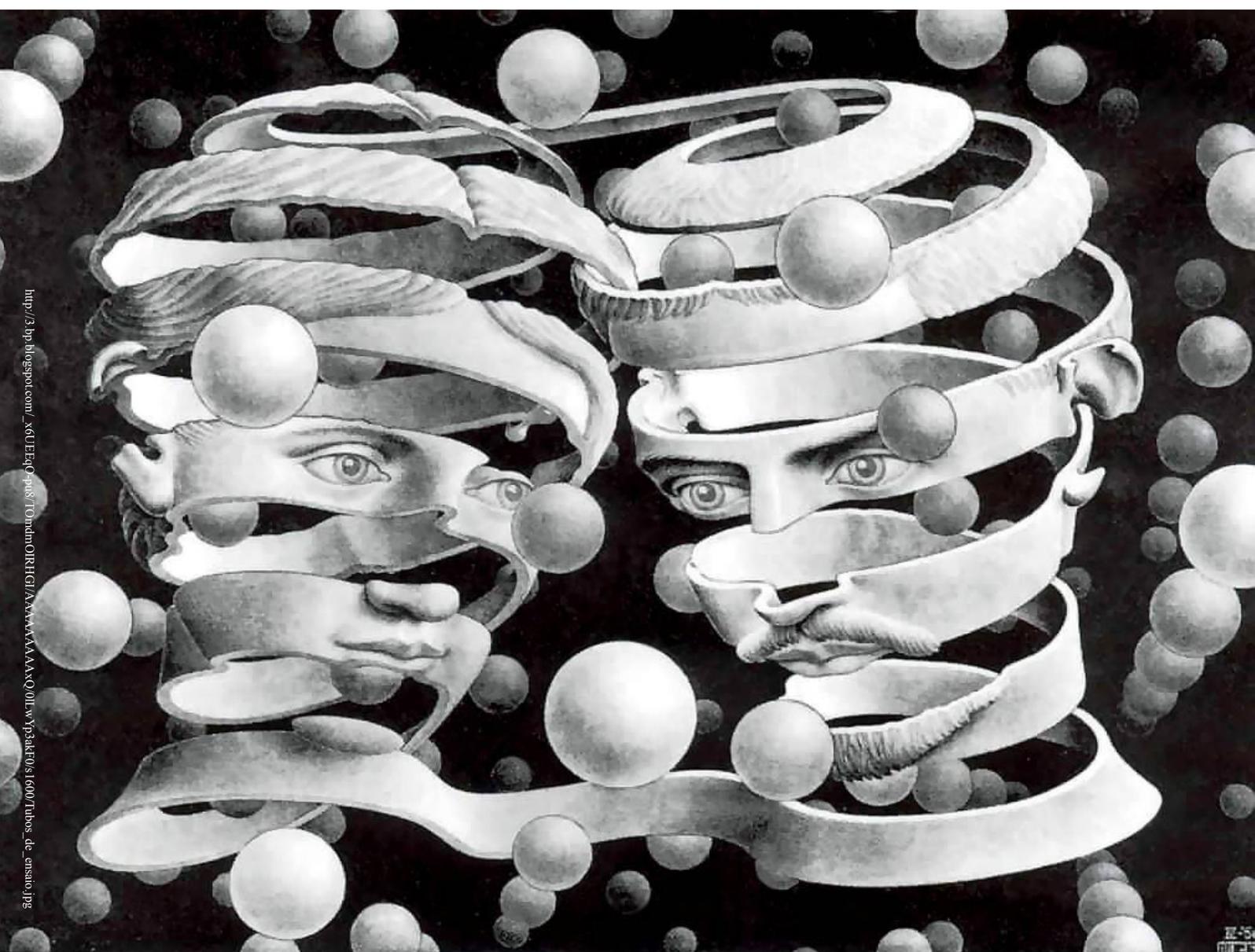
Contemporaneidade: Uma abordagem ética da educação

Alacir Gonçalves de Arruda

Doutor em Sociologia pelas Universidade Federal do Rio Grande do Sul/

University of California.

Professor das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila.



ÉTICA E SUBJETIVIDADE

A crise pela qual passa a sociedade atual revela uma tentativa de ruptura com o pensamento linear e fragmentado decorrente do modelo científico, inaugurado por Descartes no século XVI o qual ainda é vigente no meio social, cultural e educacional. De acordo com o sistema político e social da época, marcado fortemente pela revolução industrial, ocorreu a predominância do trabalho intelectual sobre o manual, da razão sobre a emoção, da técnica sobre a ética, como comenta Candioto “Ora, esse dualismo antropológico só era possível para Descartes devido a uma divisão que já estava sendo estabelecida pelo advento da sociedade burguesa da primeira metade do século XVII na França. Trata-se da divisão social do trabalho entre trabalho intelectual e trabalho manual” (CANDIOTTO, 2001, p. 62).

Na busca incansável do homem pela verdade o racionalismo e o indutivismo, foram ferramentas que a sociedade utilizou para dominar a natureza, colaborando com o avanço das ciências. De acordo com Behrens:

Acredita-se que o paradigma newtoniano-cartesiano se caracterizou como uma trajetória necessária no processo evolutivo do pensamento humano e não como um erro histórico. Os avanços significativos de ordem material firmados pela revolução industrial e tecnológica, fundamentados num posicionamento positivista, não justificam o desencontro que o homem atingiu nestas últimas décadas (BEHRENS, 2000, p. 18).

O período da modernidade conduziu a sociedade a um grande crescimento científico, econômico e social. O uso da técnica aliado ao grande avanço científico, possibilitou ao homem uma nova compreensão da realidade, permitindo que a sociedade fosse organizada de forma racional. O positivismo nessa determinada época histórica e cultural desempenhou um papel de extrema relevância frente aos anseios da sociedade: dominar a natureza e compreender a realidade a partir do pensamento matemático, e da regularidade dos fenômenos. O sistema político da época em que essas idéias se firmaram dentro do sistema educativo, exigia a formação de cidadãos capazes de desempenhar tarefas de maneira eficiente e linear. Não era exigido do homem comprometimento com a situação social do país, apenas que este fosse cumpridor de tarefas.

A escola, instituição formadora de bons cidadãos, desenvolveu um ensino baseado na cópia, na repetição e na memorização. Nessa concepção de aprendizagem o professor se apresentava como detentor do conhecimento, o qual deveria ser repassado aos alunos e cobrado no final do processo de forma que todos soubessem os ensinamentos de uma maneira igual. Acreditava-se que a razão levaria o homem à emancipação humana.

Essa concepção reducionista impregnou também os campos da psicologia, da sociologia, da antropologia e da medicina, porque essa era a concepção do mundo vigente.

No campo da psicologia podemos citar a psicolo-

gia comportamental, utilizando estímulo resposta para modificar o comportamento do homem. No campo da sociologia vamos nos deparar com a valorização das leis sociais como regulação das relações sociais. No campo da antropologia o estudo do homem foi reduzido à racionalidade. No campo da medicina a hiperespecialização no estudo do funcionamento do organismo, sem estabelecer relações entre o todo e as partes. O homem passou a utilizar a razão, a racionalidade, o pensamento fragmentado, a experiência, para conhecer a verdade, considerada como única e absoluta.

A modernidade carrega em si o poder da razão, das certezas, a onipotência do pensamento do homem sobre todas as coisas, inclusive sobre seus semelhantes e sobre a natureza. De acordo com Boto:

O tempo da modernidade tem, talvez, na filosofia de Descartes sua expressão mais difundida. A busca de um método sistemático como roteiro para investigação racional, a dúvida metódica como anteparo do conhecimento racional, a atitude da crítica frente às dimensões incertas contidas no mundo dos sentidos e das percepções sensoriais remetem à consagração da idéia de razão como motivo e instrumento do conhecimento. O século XVIII, com o movimento iluminista, levaria à radicalidade e exaltação da razão como fonte e estratégia para a regeneração coletiva das sociedades (BOTO, 2001, p. 130).

O período pós-moderno joga luzes de incerteza e caos frente a força da razão, da certeza e da ordem. A verdade deixa de ser única, abrindo espaço para múltiplas verdades e diversos instrumentos de investigação. Anteriormente era apresentado um único caminho como sendo certo e verdadeiro e um único método como instrumento para alcançarmos a verdade o “bom método”, o indutivismo.

A passagem entre a racionalidade técnica e científica para o período pós-moderno, ainda se apresenta de forma obscura, vivemos pois, o tempo das incertezas. Como afirma Morin “Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza” (MORIN, 2001, p. 59)

Atualmente são muitos os instrumentos de investigação; são diferentes as verdades e percebemos essas mudanças em diferentes áreas.

No campo da psicologia temos como o maior representante Freud, o pai da psicanálise que estudou a complexidade do ser entre aspectos do consciente e do inconsciente.

No campo social, Marx, apresentou os elementos da contradição, dos conflitos, das lutas de classe.

No campo da natureza e da física, Einstein, iniciou um período de revoluções científicas, com a teoria da relatividade, rompendo com o paradigma da ciência moderna, provando que não existe regularidade no universo. Segundo Einstein, o universo não é simples e sim complexo. De acordo com Santos “Não havendo simultaneidade universal, o tempo e o espaço absolutos de Newton deixam de existir” (SANTOS, 2001, p. 69).

Prigogine com a teoria das estruturas dissipativas e o princípio da “ordem através das flutuações”, contribuindo de forma incisiva com a ruptura do pensamento linear e racional. De acordo com Santos “a importância desta teoria está na nova concepção da matéria e da natureza que propõe, uma concepção dificilmente compagível com a que herdamos da física clássica” (SANTOS, 2001, p. 70)

Morin através dos estudos sobre complexidade, propõe um equilíbrio entre ordem e desordem, eternidade e história, razão e emoção e não a negação de um estado em detrimento do outro.

Nesse contexto emerge o grande desafio do professor e da produção do conhecimento numa sociedade intervalar: ensinar a enfrentar a incerteza. Educar nossos alunos para o provisório é um grande desafio, pois somos frutos das certezas absolutas. Atravessamos um momento histórico de transição paradigmática, numa sociedade intervalar, caracterizada como um período de inquietação e dúvida, pois tudo que era não é mais e não sabemos o que será. Segundo Santos “o que faz mudar as sociedades e as épocas é precisamente o excesso de problemas que suscitam em relação às soluções que tornam possíveis” (SANTOS, 2001, p. 36). Os problemas geridos no campo educativo é que desencadeiam a tentativa de mudança nas ações para resolvê-los. Não se pensa numa solução sem que haja um problema que requeira uma

medida para sua resolução. O momento de mudanças impulsiona a busca por respostas. O tempo histórico nos defronta com questões que estão longe de serem solucionadas.

No espaço escolar, o ensino fragmentado continua sendo o caminho encontrado pelos professores para cumprir com a normatização da grade curricular. Instituição essa que espera do aluno uma aprendizagem integrada, unificada, como se ensino e aprendizagem fossem vias opostas.

A avaliação, por sua vez, nesse sistema tão paradoxal deve cumprir um sistema de quantificação numérica, caracterizado pela racionalidade científica como diz Santos “o conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições.” (SANTOS, 2001, p. 63).

Existe um grande desafio no campo educativo, o de repensar seu encaminhamento metodológico para que, ensino, aprendizagem e avaliação sejam eixos de articulação de um processo maior, o de propiciar a autonomia de pensamentos aos alunos e professores. Este período intervalar nos remete à angústia de olhar para os escombros de um sistema educativo excludente e repressor, preso nos ranços burocráticos de um sistema falido, que ocasiona a falta de conexão entre escola e o mundo vivido. Por outro lado, nos remete à esperança de que é possível reverter esse quadro, criando espaço dentro da própria escola para autorias de pensamento frente aos



problemas sociais atuais.

O espaço educacional seja ele dentro ou fora dos muros escolares é o grande pilar de sustentação das mudanças sociais. O conhecimento possibilita as pessoas a oportunidade de igualdade de direitos, da luta por justiça e dignidade humana.

Conhecimento, palavra essa que abarca a infinita dimensão de “Conhece-te a ti mesmo” (Sócrates) e sabendo de si, lançar o olhar ao mundo que nos rodeia. Conhecimento que possibilita ao indivíduo a oportunidade de repensar sobre sua própria vida e sobre as mudanças que se fazem necessárias. Conhecimento, legado cultural atribuído ao papel do sistema escolar como meio de instrumentalização da sociedade. Conhecimento que abre as portas para a cidadania e para a solidariedade.

A tarefa educacional no contexto de transição atual é ultrapassar a discussão sobre métodos de ensino, tendências educacionais, softwares educativos e acesso à internet, para de fato se chegar ao cerne da questão essencial: de que forma ajudar o ser humano a ser mais feliz? Essa é a pergunta que paira sobre todo sistema educativo, que durante anos ficou perdido em discussões superficiais que não mudaram a estrutura secular que vem mantendo o funcionamento escolar. Preparar o homem para que? Qual é o objetivo real da educação?

O PAPEL DA ESCOLA

A escola já percebeu que uma cabeça repleta de informações não leva o homem a ter uma vida melhor. Para Morin “as informações constituem parcelas dispersas de saber” (MORIN, 2001, p. 16).

O advento da era digital, nos possibilita colher as informações em diferentes meios comunicativos, deflagrando não ser esse o papel do professor. Atualmente dominar os conteúdos não basta é preciso mais. É necessário que as informações estejam inseridas no contexto social do aluno, fazendo uma ponte entre os saberes científicos e os saberes do cotidiano.

Saberes científicos, construídos historicamente pela humanidade, legado cultural dos povos e saberes do cotidiano, aprendizagens construídas a partir da história de vida dos sujeitos que compõem os diversos grupos sociais. É preciso que o aluno possa utilizar seus conhecimentos para resolver problemas do seu dia-a-dia, integrando os diferentes saberes com sua experiência de vida. Cabe ao professor o desafio de abrir espaço para ouvir seus alunos, conhecer sua realidade e a partir das dúvidas e anseios do grupo, mobilizar o acesso aos saberes científicos. Os saberes científicos, ultrapassam os saberes escolares, os quais a escola perde tanto tempo tentando ensinar aos alunos. Saberes escolares são aqueles conhecimentos normatizados, completamente descontextualizados dos fatos sociais e dos reais interesses dos alunos.

Uma educação preocupada com a aprendizagem emancipatória de seus alunos deve promover o acesso a cultura, aos fatos sociais e ao conhecimento que ins-

trumentaliza o aluno para sua real inserção no contexto em que vive. Os saberes escolares são determinados por um grupo de intelectuais que pensam a educação, mas que estão longe de vivenciá-la, no cotidiano das periferias dos grandes centros urbanos. A escola muitas vezes ainda continua exercendo o papel de mantenedora da ideologia vigente, acesso a poucos e exclusão a muitos. O estado prega o lema “todo aluno na escola”, o que suscita a seguinte questão: com que qualidade essa escola vem sendo oferecida àqueles que mais precisam, ou seja, àquela camada da população que muitas vezes tem no espaço escolar o único caminho de acesso a uma vida melhor? O momento atual exige que o professor escute suas próprias dúvidas, seus desejos e anseios, para que possa ser partícipe desse processo de mudança política. Despertar no aluno o desejo ao saber, o amor ao conhecimento é muito diferente que correr o mês todo para vencer o conteúdo no final do semestre, terminar todas as páginas da apostila ou trabalhar seguindo linearmente todo o programa.

O saber só é possível de ser aprendido, através da construção coletiva de novos conhecimentos, não se passa saberes de uma pessoa para outra, porque ele é construído na inter-relação, na troca, no desejo e no diálogo. O espaço educativo deve ser comprometido com a possibilidade de reflexão, construção, dúvida, num processo de busca por conhecimentos que ajudem a tornar a vida melhor de ser vivida. O trabalho educativo deixará de ser alienante quando o professor duvidar de seu próprio saber de suas certezas e convicções, abrindo espaço para o novo.

O desafio do professor ao educar os alunos para a incerteza é dar-se conta que seus conhecimentos também são provisórios, que muitos conhecimentos atuais, amanhã serão obsoletos.

Aceitar conviver com o diferente, com pessoas que pensam de forma divergente, certamente impulsiona o crescimento de toda uma instituição educativa. Aceitar o diferente, significa compreender que não existem seres iguais, todos somos diferentes e na diferença somos educados para o respeito. A ideologia vigente prega o respeito às diferenças querendo normatizar quais são e de que forma agir para aceitá-las, quando na verdade através do pensamento complexo, percebemos que nós mesmos todos os dias somos diferentes, nunca somos iguais. A mesma árvore olhada pela segunda vez nunca é a mesma.

Educar para a incerteza envolve o trabalho com múltiplas dimensões: a técnica, a estética, a política e a ética. A técnica, ou seja, o domínio dos saberes científicos. O professor não pode abrir mão do seu lugar, é preciso conhecer para mediar o conhecimento. A dimensão estética, valoriza o belo, a arte e a cultura, resgata o espaço precioso da expressão artística dentro da escola, propiciando o contato com a expressão do próprio ser, num movimento de auto descoberta, beleza e criatividade. Segundo Rios “A sensibilidade está relacionada com o potencial criador e com a afetividade dos indivíduos, que se desenvolve num contexto cultural determinado”

(RIOS, 2001, p. 97). A dimensão política, reconhece o poder de mudança através da união dos grupos sociais, assumindo seu papel consciente dentro do contexto social. A dimensão ética, resgata valores como a solidariedade, a fraternidade e o respeito, palavras essas que são muito discutidas mas pouco vivenciadas, revelando a necessidade de integrar ao ensino a ação de respeito e amor ao próximo através de atitudes no cotidiano escolar e social.

O PAPEL DA FILOSOFIA

A Ética tem sido destaque nas atuais discussões sociais, enfocada de diversas formas, como resposta à crescente modificação de valores em que a sociedade em constante transformação tem passado, porém, os conceitos pelos quais respondem por comportamento ético, não representam algo novo, ao verificar a história do comportamento social da humanidade, percebe-se que suas formas e manifestações acompanham o desenvolvimento da sociedade, verificado através dos costumes e maneira de pensar e viver dos das civilizações mais antigas.

Como afirma Vasquez “as doutrinas éticas nascem e se desenvolvem em diferentes épocas e sociedades como respostas aos problemas básicos apresentados pelas relações entre os homens, e em particular, pelo seu comportamento efetivo” (VASQUEZ, 1996, p. 235).

Para que se chegue a devida compreensão do que é ética, porque existe e quais são as evoluções e significados em nosso contexto social, torna-se importante compreender como vem acontecendo ao longo da história a transição de concepções, como os povos concebiam e concebem ética e o que muda na vida das pessoas, o que muda no comportamento social, o que muda no funcionamento estrutural das mais diversas organizações da sociedade.

O conceito de ética e suas manifestações são regidos a partir das diferenças e necessidades sociais, atuando no processo de organização entre as diferentes formas de pensamento, apresentando os elementos necessários à inserção social, tornando-se conjunto, na estruturação de um modelo de comportamento sociais em determinadas épocas e locais. Segundo Vasquez:

Em toda moral efetiva se elaboram certos princípios, valores ou normas. Mudando radicalmente a vida social, muda também a vida moral. Os princípios, valores ou normas encarnados nela entram em crise e exigem a sua justificação ou a sua substituição por outros. Surge então a necessidade de novas reflexões ou de uma nova teoria moral, pois os conceitos, valores e normas vigentes se tornaram problemáticos. Assim se explica a aparição e sucessão de doutrinas éticas fundamentais em conexão com a mudança e a sucessão de estruturas sociais e dentro delas, a vida moral (VASQUEZ, 1996, p. 235-6).

Os conceitos e pensamentos figurados como Ética na Grécia Antiga estavam relacionados diretamente com o regime político, as idéias defendidas por filóso-

fos sobre o comportamento do homem e as diferenças existentes entre camadas sociais, definidas por manifestações distintas do conhecimento e formas de expressão, direcionavam a ação na forma de concepção acerca da organização de comunidades, cidades, estados, enfim, nação.

A tendência de se verificar o pensamento como reflexo da ação do homem dentro do contexto social, tem início com os filósofos do Período Pré Socrático, quando direcionam suas ações à atuação do homem público, introduzindo assim a prática da retórica. Conforme Vasquez:

O sofista reage contra o saber do homem contra o mundo porque o considera estéril e se sente atraído especialmente por um saber a respeito do homem, particularmente político e jurídico. Mas não ambiciona um conhecimento gratuito e especulativo, mas prático, tendente a influir na vida pública. Por esta razão, os sofistas se transformam em mestres que ensinam principalmente a arte de convencer, ou retórica (VASQUEZ, 1996, p. 237).

Para Sócrates a ação do homem deve ser uma prática de um conhecimento natural das virtudes, ou seja, nenhum indivíduo age de forma errada propositalmente, se existe a prática do mal, acontece porque a pessoa desconhece o bem.

As idéias de Platão acerca do homem e sua conduta, apresentam alguns pontos que representam os conflitos enfrentados constantemente pelo homem, definidos assim, de acordo com Vasquez:

Pela razão como faculdade superior e característica do homem, a alma se eleva -mediante a contemplação - ao mundo das idéias. Seu fim último é purificar ou libertar-se da matéria para contemplar o que realmente é e sobretudo a idéia do Bem. Para alcançar essa purificação, é preciso praticar várias virtudes, que correspondem a cada uma das partes da alma e consistem no seu funcionamento perfeito: a virtude da razão é a prudência: a da vontade ou animo, a fortaleza; e a do apetite, a temperança. Estas virtudes guiam ou refreiam uma parte da alma. A harmonia entre as diversas partes constitui a quarta virtude, ou justiça (VASQUEZ, 1996, p. 238).

Segundo Platão, o homem não possui as características suficientes para um desempenho social integral, para que possa ser um indivíduo completo ele precisa estar em harmonia com suas virtudes e com o Estado ou Comunidade Política, por essa razão despreza os trabalhadores que não possuem uma atuação política, que vivem suas funções sem envolvimento com os Poderes Público.

O conceito ético de Aristóteles tem base nas idéias de Platão, definindo a ética, como manifestação da moral vinculada ao despertar e envolvimento do indivíduo com a política, defendendo a idéia de que o homem, sendo por natureza social, não consegue manter uma conduta virtuosa se não estiver em sociedade de forma

atuante e significativa.

O processo de decadência do mundo antigo greco-romano, ocasionado pela queda de impérios e ruptura das estruturas políticas, foi marcado por novas concepções sobre o comportamento humano, onde a moral não está restrita o funcionamento da *Polis*, mas sim, regida por algo muito mais abrangente, o Universo, nesse caso, idéia em comum defendida pelo Estoicismo e Epicurismo.

Para os estóicos, o mundo é coordenado por Deus e tudo que acontece tem origem na vontade divina, nada acontece por acaso, cada indivíduo possui seu destino, para tanto, não existe a necessidade de uma convivência política, uma vez que o indivíduo deve viver em função do *Cosmos* e não da *Polis*.

Os epicuristas concebem o mundo como uma formação química, cujos elementos fazem parte de um conjunto componente da estrutura cosmológica, sem que exista qualquer interferência divina, apresentando dessa forma a liberdade de expressão e atuação social, em uma busca da felicidade sem estar vinculado ao sobrenatural ou político.

Do pensamento filosófico Grego, para o domínio dos conceitos religiosos, onde o cristianismo prevalece e direciona as ações dos homens, com o ideal de uma sociedade regida pelas Leis divinas, comportando conforme a vontade de Deus, apresentando uma conduta repleta de virtudes, com o objetivo de elevação espiritual e harmonia entre os homens, conforme afirma Vasquez:

O cristianismo pretende elevar o homem de uma ordem terrestre para uma ordem sobrenatural, na qual possa viver uma vida plena, feliz e verdadeira, sem as imperfeições, as desigualdades e injustiças terrenas. Propondo a solução de problemas graves do mundo num mais além, o cristianismo introduz uma idéia de uma enorme riqueza moral: a da igualdade dos homens (VASQUEZ, 1996, p. 244).

O momento histórico atual abre espaço entre o conhecimento como forma de verdade absoluta para conhecer o mundo e o conhecimento como forma de múltiplas verdades construídas socialmente.

CONCLUSÃO

A escola atual tem se tornado cada vez um local de reflexão sobre os saberes científicos, de diálogo e de construção de novos conhecimentos. O período reforça o papel do professor como agente essencial nesse processo de mudança, pois nada se altera sem ele. Instalar dentro das instituições educativas a possibilidade de dialogar com as incertezas, é sem dúvida o grande desafio que se impõe na tentativa de formar uma sociedade mais justa e fraterna.

O compromisso ético de cada ser humano é consigo mesmo. A reflexão realizada sobre valores, normas e atitudes é decorrente das experiências vivenciadas no

decorrer da vida de cada sujeito. Nesse sentido a educação ética não é uma tarefa de especialistas, mas de todos os grupos sociais, não é resultado de um esforço isolado, mas de uma ação conjunta e contínua de todo contexto histórico, cultural e social da humanidade.

A educação ética apresenta um caráter subjetivo porque seu trabalho ocorre de forma explícita, através de procedimentos das atitudes dentro dos contextos sociais e educacionais. Não se ensina a ser ético através de palavras, somente com ações exercidas no cotidiano da vida. A reflexão crítica e consciente sobre as normas que regem a sociedade pode possibilitar ao sujeito rever seu papel diante de si próprio e do mundo que o rodeia.

REFERÊNCIAS

- BEHRENS, Marida Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 2000.
- BOTO, Carlota. Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. in: **Revista Educação & Sociedade**. Campinas: Cedes, n. 76, out. 2001. p. 121-146.
- CANDIOTTO, César. Algumas aproximações entre ética e ensino superior. in: **Revista Diálogo Educacional**. n. 4, Curitiba: PUCPR, Programa Pós-Graduação em Educação, jul/dez. 2001.
- CASTANHO, Sérgio, CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (orgs.). **O que há de novo na educação superior: do projeto pedagógico à prática transformadora**. Campinas: Papirus, 2000.
- LINHARES, Célia e LEAL, Maria Cristina (org.). **Formação de professores: uma crítica à razão e à política hegemônicas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar e reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e Ensinar: Por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2001
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2001.
- VASQUEZ Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

http://4.bp.blogspot.com/-RS11GBGO_uQ/TdMZtHdkgXI/AAAAAAAAAOI/aEilBXoN_c/s1600/j0431844.jpg

